

SERAFIM LEITE, S. I.

HISTÓRIA
DA
COMPANHIA DE JESUS
NO
BRASIL

TÔMO IX

ESCRITORES: de N a Z
(Suplemento Biobibliográfico - II)

1949

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua do Ouvidor — RIO

LIVRARIA PORTUGÁLIA
Rua do Carmo — LISBOA



P. ANTÓNIO VIEIRA

"Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa"

(Fernando Pessoa, *Mensagem*)

Conjunto alegórico, onde se vêem rodeando o P. Vieira, tribuno da Restauração,
as três grandes figuras de João Pinto Ribeiro, Febo
Moniz e D. Luiz de Meneses.

Pintura mural de Columbano no Parlamento Português (Assembleia Nacional)

O. Carta ao P. Jacinto de Carvalho, Procurador Geral em Lisboa, do Pará, Colégio de Santo Alexandre, 6 de Outubro de 1732. (Bibl. de Évora, cód. CXV/2-16, f. 103-103v). — Sobre a visita do Bispo. *Port.*

P. Resposta à sinistra informação que a S. Majestade fazem contra os Padres da Companhia do Estado do Maranhão. Colégio do Pará, 19 de Setembro de 1733. (B. N. de Lisboa, fg. 4517, 203-205). *Port.*

Q. Carta ao Presidente do Conselho Ultramarino enviando a Resposta precedente. (*Ib.*, f. 202-207). *Port.*

R. Carta ao P. Geral Francisco Retz, do Pará, 22 de Setembro de 1733. (*Bras.*26, 280-280v). — Visita as Missões. Informa do bom espírito. *Lat.*

S. Segunda Resposta do Vice-Provincial da Companhia de Jesus a S. Majestade, muito breve e succinta. S. Luiz do Maranhão, 9 de Junho de 1734. (B. N. de Lisboa, fg. 4517, f. 268-268v). *Port.*

T. Requerimento a El-Rei sobre os procedimentos do Governador José da Serra, que parece querer tumultuar o povo contra a Companhia, o qual diz que todos os Índios são escravos, sendo por natureza livres. Pará, 27 de Agosto de 1734. (*Ib.*, f. 193; cópia na Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, I-6, 2, 50, n.º 6). *Port.*

U. Carta do Vice-Provincial José Vidigal, ao P. Geral, do Pará, 20 de Setembro de 1735. (*Bras.*26, 289). — Para que o cravo recolhido pelo P. Manuel da Mota se destine à Residência de Taipitapera e não se lhe dê aplicação diferente. *Lat.*

V. Carta do R. P. Vice-Provincial P. José Vidigal ao Capitão General José da Serra, 1736. S. a., nem assinatura. (Arq. Prov. Port., Pasta 177, n.º 7) — Responde a outra do mesmo, sobre listas de Índios das Aldeias. *Port.*

X. Conta que mandou o V. P. Provincial José Vidigal por conta do comum da V. Província em a monção de 1736. (Arq. Prov. Port., Pasta 176, n.º 36). — Trata do produto da venda do cacau, cravo, etc. *Port.*

Y. Carta a Dom Francisco de Almeida e Mascarenhas, Principal da Patriarcal, do Colégio do Pará, 7 de Outubro de 1739. (Bibl. de Évora, cód. CXV/2-13, f. 508-509v). — Dá conta dos escritores

da Vice-Província: Vieira, Figueira, Bettendorff, Aleixo António e José de Sousa, com alguns pormenores das vidas respectivas. *Port.*

Resposta do P. V. Provincial José Vidigal a El-Rei sobre a Visita do Bispo do Pará. (Bibl. de Évora, cód. CXV/2-16, f. 104). Obra do P. João Tavares (Rivara, I, 54). *Port.*

Carta do P. Geral Tamburini ao P. José Vidigal, Vice-Superior do Maranhão, de Roma, 29 de Julho de 1713. (Original iatino no Instituto Histórico do Rio de Janeiro, Livro 417, ms. 19682). Publ. por Lúcio de Azevedo, *Os Jesuítas no Grão Pará* (Lisboa 1901)333-335.

25 cartas dos Padres Gerais ao P. José Vidigal (1714-1741), *Bras.*25.

S. L., José Vidigal autor do "Compendio da Doutrina Christã na Lingua Brasílica", em *Verbum*, I (Rio de Janeiro 1944)170-172.

A. S. I. R., *Bras.*25, 82v, 84v, 98; — *Bras.*26, 294; — *Lus.*13, 220; — *Livro dos Óbitos*, 35v; — *Sommervogel*, VIII, 650; — S. L., *História*, IV, 229-230.

VIEGAS, António. Professor e Pregador. Nasceu por 1666 na Baía. Filho de Manuel Fagundes Caldeira e Antónia Viegas. Entrou na Companhia, com 14 anos, a 6 de Março de 1680. Fez a profissão solene no Rio de Janeiro, recebida por Estêvão Gandolfo, a 8 de Setembro de 1702. Professor de Letras Humanas e de Filosofia, Prefeito dos Estudos, e Pregador de talento. Faleceu na Aldeia de Reritiba a 5 de Abril de 1729.

A. Líricas. — "Edendum reliquit iuxtum volumen carminum metro lyrico".

A. S. I. R., *Bras.*5(2), 81; — *Lus.*12, 170; — Rivière, n.º 5451; — S. L., *História*, I, 534; V, 583.

VIEGAS, Manuel. "Pai dos Marumimins". Nasceu cerca de 1533 em Marvão, Diocese de Portalegre. (Segundo o Cat. de 1598, mas há alguma variedade). Foi um dos órfãos chegados ao Brasil por volta de 1550. Entrou na Companhia em 1556, e em 1562 era mestre de ler e escrever no Colégio de S. Vicente. Fez os últimos votos em 1582. Trabalhou em S. Vicente e em Piratininga, com os humildes e os Índios, durante mais de meio século. Aprendeu a língua brasílica e a dos Guarumimins, com quem teve primeiro contacto, antes de 1585; e mereceu o título, que lhe davam os seus coevos, de "Apóstolo" ou "Pai dos Guarumimins" (Marumimins, Marumemins ou Miramomins, nomes também usados então). Aldeou-os, fundando a Aldeia da Conceição, junto a S. Paulo, conhecida depois por Aldeia dos Guarulhos. Faleceu a 17 de Março de 1608 em S. Paulo de Piratininga.

I. Carta ao P. Geral, de S. Vicente, 21 de Março de 1585. (*Lus.*69, 62-63v). — Agradece a carta que do Geral lhe trouxe o P. Visitador Cristóvão de Gouveia, grande homem que consola a

todos e manda que se aprenda a língua "tupim". No Brasil quem sabe a língua é teólogo; com a vinda do Visitador se abrirá a porta a um gentio chamado "Maromemim"; e com este, outro chamado "Goaianã"; e com estes "Goaianases" se junta outra gente que se chama "Carojo"; e com estes, outros que se chamam "Ibira-baquiara": "y toda esta gente tiene una lengoa a qual yo sei mucho della". Autógrafo. Esp. Trad. e publ. por S. L., infra, *História*, IX, 384-385.

A. Doutrina na língua dos Marumimins.

B. Vocabulário na língua dos Marumimins.

C. *Arte de Gramática na língua dos Marumimins* (com a colaboração do P. José de Anchieta). "O P. Manoel Viegas trasladou nesta nova língua a doutrina que estava feita para os Índios da costa, e fez Vocabulário muito copioso e ajudou ao P. José a compor a arte da grammatica, com que facilmente se aprende". — Pero Rodrigues, *Vida do P. José de Anchieta*, em *Anais da B. N. do Rio de Janeiro*, XXIX, 201, fonte das informações que, através de Paternina (*Vida del P. José de Anchieta*, 261), anotam outros biógrafos.

S. L., *Os Jesuítas e os Índios Marumimins na Capitania de S. Vicente*, na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo*, XXXII (S. Paulo 1937)253-257.

A. S. I. R., *Bras. 5*, 40; — Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; — Vasconcelos, *Almeida*, 76; — Sommervogel, VIII, 527; — Streit, II, 771; — S. L., *História*, II, 568; VI, 241.

VIEIRA, António. "*O Grande*". Nasceu a 6 de Fevereiro de 1608 em Lisboa. Filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo. Foi menino com os pais para o Brasil. Estudava no Colégio da Baía, e quando entrou na Companhia na mesma cidade, a 5 de Maio de 1623. Ensinou Humanidades e estudos de Filosofia e Teologia, e tirou o grau de Mestre em Artes. Ordenou-se de Sacerdote nesta cidade a 10 de Dezembro de 1634 e fez a profissão solene em S. Roque (Lisboa) a 21 de Janeiro de 1646, recebendo-a o P. Francisco Valente. Iniciou a carreira de pregador não sendo ainda Padre, e exercitou-a durante mais de 60 anos. Distinguiu-se na resistência contra a invasão holandesa. Ao dar-se a Restauração de Portugal (1 de Dezembro de 1640), logo que se conheceu no Brasil, foi enviado pelo Vice-Rei na embaixada com que o Brasil prestou menagem a D. João IV, com quem Vieira se uniu logo em estreita amizade. El-Rei nomeou-o pregador régio, ocupou-o em diversas embaixadas a França, Inglaterra, Holanda e Roma. Nesta época da sua vida pública, em que lhe não faltaram combates e emulações violentas, Vieira revelou-se também decidido defensor dos cristãos novos, cujo comércio tinha por útil e necessário à Restauração de Portu-

gal. Em 1652 embarcou para as missões do Maranhão e Pará, com o cargo de Superior e depois Visitador, período que durou 9 anos, interrompido por uma viagem a Lisboa para agendar leis conducentes à liberdade dos Índios. Por causa desta liberdade foi expulso da Missão no motim de 1661. Em Lisboa manifestou-se pelo partido da Rainha, protectora da Missão. Como desforço da opposição política triunfante, desterraram-no para o Porto em 1662 e denunciaram-no à Inquisição, com fundamento em diversas escritos seus, sobretudo o que redigiu nas margens do Amazonas, intitulado "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", enviado secretamente à Rainha, em que falava, para a consolar, na ressurreição de El-Rei D. João IV. Preso contra Inquisição em 1665 e mantido em custódia em Coimbra, defendeu-se com coragem e saiu livre em 1668. Voltou a Lisboa, donde passou a Roma no ano seguinte. Aí deslumbrou a Côrte pontifícia com sermões e discursos, e persistiu no combate contra os estilos da Inquisição portuguesa. Voltou de Roma a Lisboa em 1675 com um Breve do Papa que o isentava da Inquisição de Portugal e mais Reinos. Nunca perdeu de vista a Missão do Maranhão, onde desejava ir acabar a vida e o pediu expressamente em 1679. E, enfim, embarcou em 1681 para a sua Província do Brasil, onde no Colégio da Baía e sobretudo na Quinta do Tanque, junto da mesma cidade, viveu os últimos anos da longa vida, que Deus lhe deu, de quase 90 anos, ocupado na preparação para a imprensa das suas obras, e ainda com o officio de Visitador Geral do Brasil e do Maranhão, com faculdade de o ser, sem sair da Baía. António Vieira, de temperamento impulsivo, sustentou, com a sua palavra, falada e escrita, ásperas batalhas, quer a favor da Pátria, quer da liberdade dos oprimidos (Índios e Cristãos novos); e entre as suas virtudes está a de ter recusado a honra da mitra episcopal, para se conservar fiel à vocação num momento difícil da sua vida religiosa. Diplomata, político, reformador social, apóstolo e protector dos Índios, administrador, pregador e literato. Os dotes literários, de propriedade, pureza, vivacidade e energia, asseguraram-lhe a imortalidade: é grande entre os oradores de todas as nações, e considerado o maior escritor da língua portuguesa em prosa. Faleceu, a 18 de Julho de 1697, no Colégio da Baía.

A obra de Vieira, por extremo vasta e complexa, anda confusa nas bibliografias; e muitos dos seus manuscritos, ainda inéditos ou já impressos, esparsos pelos arquivos, trazem títulos desiguais. Como ordenação e distinção de géneros literários, e também para facilitar as referências em tanta variedade, agrupam-se em cinco secções e mais uma complementar, biográfica:

- I. SERMÕES;
- II. CARTAS;
- III. OBRAS VÁRIAS;
- IV. TRADUÇÕES;
- V. INÉDITOS;
- VI. BIOGRAFIAS E OUTROS ESCRITOS A VIEIRA OU SOBRE VIEIRA.